# ÚLTIMA MODA:
# FUNERAL NA TRIBO DE GA

## *LAST FASHION:*
## *FUNERAL IN THE TRIBE OF GA*

Gisela Solheid Meister
Graduada em Comunicação Visual pela UFPR, especialista em Leitura de Múltiplas Linguagens da Comunicação e da Arte pela PUC-PR e mestranda em Comunicação e Linguagens pela UTP-PR. gicameister@terra.com.br

RESUMO

Desde a pré-história, o homem sepulta seus semelhantes obedecendo a costumes. Ritos, mitos, magia, imagem e imaginário indicam que o homem compreende todo objeto com sua dupla existência. Essa pesquisa, apoiada na relação entre o real e o imaginário dos funerais da Tribo de Ga - situada em Ghana, país do continente africano – apresenta uma curiosa tradição por meio da escolha pessoal, obviamente antecipada, do modelo de seu caixão. A última moda em Ga coincide com um inusitado comportamento simbólico.

PALAVRAS CHAVE: Moda. Cultura. Morte.

*ABSTRACT*

*Since the pre-history, the man bury their fellow according to certain customs. Rites, myths, magic, image and imagery indicate that a man understands any object with its dual existence. This research, supported in the relationship between the real and imaginary funerals of the Tribe of Ga - located in Ghana, country of the African continent - presents a curious tradition through personal choice, of course early, the model of the coffin. The latest fashion in Ga coincide with symbolic behavior.*

*KEYWORDS: Fashion. Culture. Death.*

Estudos antropológicos revelam que o homem, desde a remota antiguidade deixa seus vestígios em legítimos “documentos de identidade”. Alguns dos primeiros índices, que certificam sua passagem, são os artefatos de pedra lascada com fins determinados. A capacidade de abstração, confirmada pela modelagem na pedra ou pelos objetos criados com ossos, exige um cérebro complexo. Logo, está presente o *verbum mentis*, a idéia que se concretiza, não com fins imediatos, mas sim com o objeto mediato.

Desse modo, o pensamento do homem não está voltado apenas para o ato presente, pois ele também conta com a percepção da presença do tempo em sua consciência. A idéia de transformação, ou da imposição, lhe garante um grau mais complexo e uma qualidade nova de conhecimento.

A partir da capacidade de criar objetos, o homem não vive mais diante do temor e da lenta transição da animalidade para a racionalidade. Sua mentalidade metafísica será constantemente “perseguida” pelas necessidades de sobrevivência, pela natureza circundante e, de modo especial, pelo misterioso espetáculo da morte. Geralmente, preocupa-se com seu semelhante, pois o pensamento acerca da morte, dificilmente corresponde à imagem de nossa própria morte.

Como revelação ou introdução, “morrer” é um tema amplo que apresenta múltiplas características culturais: assombro, perplexidade, dúvidas e um sagrado terror, os quais compreendem a inquietude humana diante dessa certeza. A definição de Chevalier e Gheerbrant (2002, p.622) confirma,

> (...) [o] mistério da mort(...) [é] tradicionalmente sentido como angustiante e figurado com traços assustadores. É levada ao máximo, a resistência à mudança e a uma forma de existência desconhecida, mais do que o medo de uma absorção pelo nada.

A partir da interpretação do posicionamento dos ossos humanos nas tumbas, assim como dos objetos encontrados nas proximidades, é que se tem alguma explicação sobre os hábitos de um sepultamento pré-histórico. No período Paleolítico Médio, por exemplo, indícios de sepultamentos revelam esqueletos em atitude natural de repouso, com a cabeça voltada para o oeste, recoberta de grandes placas de osso e rodeado por peças de jaspe,

quartzo e algumas manchas de ocre[1]. Sobre o peito uma pata de animal e pouco atrás, vértebras, dentes e mandíbula de rena. Sobre o resto do corpo, sílex (mistura de quartzo e opala) talhado.

Conchas marinhas[2], consideradas fonte de vitalidade e/ou indicando status social, também foram encontradas em sepulturas deste período. Ou seja, a preocupação com a rnamentação parece evidente. Do mesmo modo, vale ressaltar, que na região onde viveram os neandertaleses, a presença de diversas espécies de pólen atestam o costume de depositar flores nos túmulos.

No período Mesolítico, foram encontradas pedras lisas e decoradas com pinturas variadas, sempre em vermelho. É possível que seu posicionamento represente figuras humanas esquematizadas ao extremo. Outra prática, ritual ou mágica que ocorreu no período Neolítico foi a trepanação *post mortem.* Os crânios, perfurados com lâminas de sílex, possibilitavam a extração do cérebro, enquanto o próprio esqueleto cefálico era transformado em amuleto. Já na Idade do Bronze, atualizam-se os modos de ritos de passagem por meio das urnas, modeladas em barro, que revestidas de caráter sagrado e místico, recebiam as cinzas dos mortos.

Um salto no tempo permite a observação de novos costumes. Da Idade Média até o século XVIII, ainda que fosse privilégio dos poucos, os homens medievais que pudessem desembolsar quantias significativas era enterrados próximos aos túmulos dos santos ou de suas relíquias. Os representantes da Igreja para garantir a intercessão especial aos sepultamentos *ad sanctos,* exigiam que nos testamentos constasse um “contrato de salvação”. Por intermédio desse documento, autorizava-se o pagamento do dízimo sobre o valor da herança, o qual assegurava a eternidade tranqüila.

Enfim, desde a pré-história até a contemporaneidade, observa-se que independente do costume, o homem cultua seus mortos por meio de rituais fúnebres. A necessidade de ritualização, tal como ela surge desde a sociedade primitiva, pode estar aliada a condição humana que não poder se fechar na sua condição, nem dela escapar totalmente. Ainda que se acredite livre, o homem convive com a angústia ante a indeterminação ou a insegurança de

---

[1] O ocre borrifado no corpo todo ou parte dele tem a finalidade de assegurar os meios de prosseguir sua viagem. A relação que os primitivos fazem entre o vermelho e o sangue confere a esta cor o princípio de força e vida.

[2] Na gruta de Cavillon, na França, foram encontradas 7868 conchas das quais 875 estavam perfuradas e datam do Paleolítico superior. Nessa mesma gruta, a cabeça de um homem achava-se rodeada de 200 conchas.

suas ações. No entanto, é sua própria existência que desencadeia aquilo que o faz experimentar um sentimento de algo que ele não pode dominar.

Compreende-se que o homem, ao demonstrar angustia e medo, transforma a morte em um problema vivo. Ou seja, real e imaginária, ela desperta uma consciência objetiva e outra subjetiva que alterna a idéia de mortalidade e imortalidade. Na maioria das culturas, no entanto, ritos fúnebres de passagem, evidenciam tanto uma crise, quanto uma possibilidade de transposição. Convive-se, naquele mesmo, com a sensação de alia dor e consolação. A ficção ritual, mesmo confusa e variável, transforma o homem em um simulador sincero em relação a ele mesmo.

Magia e mito constroem a organização ideológica e prática da relação imaginária com o mundo. Imagem, mito, rito e magia são imprescindíveis e estão vinculados ao surgimento do homem imaginário. Contudo, o mito do duplo que pretende explicar de modo concomitante, presença e ausência, consolida a consciência da morte.

Deve-se reconhecer que nenhuma sociedade é indiferente à perda de um de seus integrantes - mesmo consciente de que a morte é um fenômeno inevitável – mas, como todo momento de exceção, todas e em todas as épocas, elegeram algum modo de celebração por meio de rituais. A manifestação que recorre a atos religiosos, sacrifícios, abluções, luto ou pranto, tem como finalidade estimular a partida da alma para outro mundo. Paradoxalmente, apesar de certa, a morte rompe com a ordem das sociedades.

Na tribo africana Ga[3], no entanto, o ritual de celebração pela morte cumpre uma norma inusitada. Os corpos devem ser mantidos em salas mortuárias por semanas ou meses até que familiares e amigos estejam adequadamente organizados para oferecer uma cerimônia apropriada. Essa regra social justifica-se pela crença de que a condição dos mortos no outro mundo será determinada conforme o tratamento final que receber de seus familiares e amigos.

A dor que freqüentemente está tramada com a consolação – mito do duplo – em Ga, transforma-se em uma grande festa. Anunciado na rádio, cada desfile – cortejo fúnebre – atrai amigos e curiosos. O modelo do caixão, escolhido previamente e sempre em cores vibrantes, alegra ao invés de entristecer. A fartura de alimentos e bebidas, assim como a música dos tambores africanos que tocam sem parar para que os “convidados” dancem,

[3] A tribo Ga vive no litoral africano, próximo a Accra (capital de Ghana) e sua população é de aproximadamente 300.000 (1993 UMS).

configura-se como um ritual *sui generis*. Essa mobilização decorre de donativos ou até mesmo de empréstimos para que possam ser atendidas todas as necessidades.

Toda preparação, assim como a cerimônia, reflete o relacionamento que o morto manteve com seu círculo familiar e social durante a vida. Para o povo Ga, que acredita que o espírito continuará a influenciar a vida dos seus familiares, a morte representa apenas um distanciamento físico momentâneo. Não há dúvida, entre eles, de que os conselhos oferecidos no decorrer da vida permanecem mesmo após a morte.

A inovação incorporada a esse ritual tornou-se uma tradição que surgiu por acaso. O primeiro modelo multicolorido de caixão foi criado pelo entalhador Kane Kwei (1922-1992). Aos vinte anos, aceitou a encomenda de seu tio, um pescador, da criação de um caixão em forma de peixe (fig. 1). Em seguida, sua segunda encomenda foi um modelo de carro *Mercedes-Benz* que, muito aplaudido ao "desfilar" pela cidade, tornou-se um modelo clássico.

Atualmente, curiosos modelos de caixão podem ser encomendados e armazenados em "casas-sonho", onde ficarão guardados até o momento de "necessidade". Vale ressaltar que o custo dessas peças - em média U$400 - pode representar a renda de um ano de algumas famílias, dependendo do material e da ousadia do projeto.

A escolha antecipada da última moda concretiza, para um Ga, o mito do duplo. Com freqüência, mães optam pelo modelo galinha que incluem pintinhos conforme o número de filhos que tiveram, apreciadores de cerveja optam por modelos garrafa, mas com o rótulo de sua marca preferida. Em Ga, o sucesso da *Coca-cola* ou da *Nokia* podem ser confirmados nos modelos de caixões que imitam uma garrafa e um aparelho celular.

É comum que o modelo de caixão que imita um avião comercial, seja encomendado para alguém que nunca experimentou esse meio de transporte (fig. 2). Atletas escolhem modelos de tênis da *Nike*. Martelo, serrote, seringa de injeção, saco de farinha, bíblia, leão, caranguejo, ou ainda, um mouse de computador (modelo infantil), são outros modelos expostos nas "casas-sonho" que permitem identificar desejos e/ou estilos de vida.

Figura 1. **Caixão – réplica do modelo de Kane Kwei.**

Figura 2- **Caixão: modelo "Ghana Airways**".

Em 1997, o taxista Holala Nortey morreu e "recebeu" em seu funeral que durou três dias, cerca de 400 pessoas. Seu caixão, um modelo sedan da *Mercedes-Benz*, semelhante aquele que ele havia usado por mais de 30 anos, foi escolhido por ele e presenteado pelos parentes e amigos para honrá-lo em seu enterro. Importante acrescentar que devido ao seu

prestígio, o caixão trazia limpadores de pára-brisa, espelhos retrovisores dos dois lados, uma antena, cano de escape, faróis traseiros e dianteiros, além da emblemática “estrela” (fig. 3).

Figuras 13: **funeral de Holala Nortey.**

Distanciado da lugubridade, o criativo ritual de passagem do povo Ga – representativo da cultura africana – do mesmo modo que outros rituais menos festivos, alia magia ao funeral, conta com o mito da sepultura e assim, conseqüentemente, atualiza e desenvolve a relação sujeito-objeto.

A escolha individualizada que revela preferências, ou até mesmo desejos, está reforçada pela imagem do modelo de cada caixão, além de permitir uma dissociação entre o aspecto utilitário do objeto, revela um sentimento agradável.

A arte[4] expressa em caixões, iniciada por Kane Kwei e mantida por outros menos famosos, permite ao povo de Ga manter o hábito de costumes ortodoxos de maneira notavelmente não ortodoxa.

Artista plástico ganense, A. Glover[5] lamenta: “após tanto trabalho, é uma pena que o caixão fique para sempre escondido em baixo da terra” (conforme citado por WOLLASTON,

[4] Em 1989, na exibição em Paris - *Magiciens de la terra* – numa crítica ao moderno estilo de vida ocidental, foi exposto um caixão modelo Mercedes-Benz branco que, ironicamente, representou um símbolo africano de riqueza e posição social privilegiada. No Brasil, em 1996, peças de Kane Kwei estiveram expostas na XXIII Bienal Internacional de São Paulo.

12/03/2003). Sua opinião remete à idéia de que as peças artísticas, enterradas e impedidas de novos olhares, podem ser um modo de atualização dos fundamentos da arte egípcia.

Sendo assim, é possível considerar que a produção, ou a criação dos caixões ganenses, expande-se em toda atividade social na satisfação de uma emoção estética, assim como se insere no universo da magia ou da religião. No entanto, deve-se ressaltar que a possibilidade de escolha do modelo a ser usado como a "ultima moda", a partir do costume trazido pelo povo Ga, assim como outra expressão artística, é inovadora de modelos que posteriormente irão conviver com réplicas e imitações.

Enfim, a linguagem dos povos primitivos ou dos coloridos caixões de Ga - traduzidos em escrita *sui generis* - continua a aclamar um resplendor de espiritualidade e imortalidade que paira em torno do homem. A morte é, ao mesmo tempo, aniquilação e transformação.

Morin (5ª edição, s/d, p. 104). complementa,

> É nessa zona de incerteza que se desenvolvem mito e magia, é nessa zona que circulam fantasias e espectros, que a palavra, o sinal, a representação, se impõem com a evidência da coisa, que o rito apela para a resposta de um receptor-interlocutor imaginário.

Emerge, de modo concomitante, o homem imaginário e o homem imaginante. Aquele que imagina (re)conhece um espaço novo que passa a ser, antes de tudo, um espaço de exercício de superação de suas condições primeiras, ou melhor, o território da criação simbólica. Esse universo simbólico que pode ser estudado por meio da Semiótica da Cultura, denominado por Ivan Bystrina como "segunda realidade"[6], ou ainda, na "semiosfera" postulada por Iuri Lottman, constitui-se pelo conjunto de informações gerados e acumulados, justamente, pela capacidade imaginativa do homem.

A consciência da morte, assim como a crise que ela acarreta, exige essa constante reorganização. Desse modo, a imaginação passa a desempenhar a função propulsora da

---

[5] Abade Glover, DDN, DAT, Med, PhD, FRSA (b. 1934, Accra, Ghana) foi professor adjunto e chefe do Departamento de Arte Educação e reitor do Colégio das Artes da Universidade de Ciência e Tecnologia, Kumasi, Ghana.

[6] Bystrina (conforme citado por BAITELLO JR., 2003, P.30) postula que "(...) a segunda realidade todavia não é algo do outro mundo, do além. Ela existe - realmente – nas células cinzentas dos cérebros e é transponível em signos perceptíveis, em signos materiais e energéticos e textos". Ou seja, na fala, escrita, imagem, gesto, moda, filme, musica etc..

hipercomplexidade[7] humana. A imaginação que também está submetida à desordem, ao ruído e ao erro, pode expor o homem à fragilidade ou torná-lo vulnerável à crise. No entanto, é ela que propicia as condições para reorganização, ou seja, a capacidade imaginativa do duplo, a qual habilita o homem ao desenvolvimento de sua capacidade cognitiva - códigos de comunicação - que favorecem o surgimento de novas formas de interação entre o meio, natural e sociocultural.

A capacidade imaginativa "na realidade", independente do modo do processo criativo, representa um trunfo frente à impotência diante da morte, pois se é possível imaginar e/ou criar imaginamos, é porque estamos vivos. No entanto, deve estar nítida a noção de que o dia em que se deixa de viver de fato, não é o dia em que se morre, mas sim, em que se acaba de morrer.

## REFERÊNCIAS

BAITELO JR., N. ***O animal que parou os relógios***. SP: Annablume Editora, 2003;

CAMPBELL, J. ***O Poder do Mito***. SP: Editra Palas Athena, 2005;

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. ***Dicionário de Símbolos*.** RJ: José Olympio Editora, 2002;

CONTRERA, M. S. ***Mídia e Pânico***. SP: Annablume Editora, 2002;

HUIZINGA, J. ***Homo Ludens*.** SP: Editora Perspectiva, 2004;
MORIN, Edgar. ***O Método II – a vida da vida*.** PORTUGAL: Publicações Europa-América, s/d;

___. ***O Paradigma Perdido*: *a natureza humana***. PORTUGAL: Publicações Europa-América, 5ª edição, s/d;

SOUZA MARANHÃO, José Luiz de. ***O que é morte*.** SP: Editora Brasiliense, 1999;

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. ***O Homem e a Cultura*.** RJ: Editora Vozes, 1991.

[7] Segundo Edgar Morin, hipercomplexidade é compreendida pelo sistema que diminui as restrições e aumenta as aptidões organizacionais, designadamente a aptidão para a transformação.

**FONTE *ON-LINE***

ANKRAH, S. T. Death and Funeral Rites in Contemporary Akan Society: An Appropriate Christian Response. 2002.
Disponível em:
<http://www.missiology.org/FolkReligion/articleankrah.htm>

BUCKLEY, S. In Africa, Funerals Use Rituals of Joy to Ease Sorrow. Washington Post Foreign Service. 22/12/1997.
Disponível em:
<http:// www.washingtonpost.com/wp-srv/inatl/longterm/africanlives/ghana/ghana.htm>

WOLLASTON, M. Ghanaian Funeral. 12/03/2003
Disponível em:
<http://www.abc.net.au/dimensions/dimensions_people/Transcripts/s806005.htm - 25k

*Coffins From Ghana*
Disponível em:
<http://www.ghanaweb.com/GhanaHomePage/NewsArchive/photo.day.php?ID=52081>